

# Toda a economia sentirá os efeitos

163

CRISTINA ALVES

O aperto monetário a ser aplicado pelo Banco Central nos próximos dias não vai afetar apenas os bancos. O arrocho será de tal amplitude que acabará mexendo com a vida de todo mundo. Só que o BC não terá condições de retirar de circulação, de uma vez, todo o dinheiro que deveria, em torno de Cr\$ 915 bilhões. Isto significaria sumir com praticamente todo o dinheiro em poder do público mais os depósitos à vista nos bancos (em economês, o velho conceito de M1), que somam Cr\$ 1,2 trilhão.

Os Cr\$ 915 bilhões, que são os financiamentos concedidos pelo BC às instituições com base nos cruzados novos bloqueados com o Plano Collor, representam 20% de todo o dinheiro que circula hoje na economia (cerca de Cr\$ 4,7 trilhões), incluindo as notas e moedas que trazemos nos bolsos, os depósitos à vista e a prazo nos bancos, o saldo das cadernetas de poupança e os depósitos no Banco Central (o conceito de M4). Sua retirada causará forte redução do crédito e dos investimentos produtivos — isto é, recessão.

Os Cr\$ 915 bilhões são mais do que a base monetária (emissão primária de moeda) que, em agosto, foi em torno de Cr\$ 770 bilhões. Pode-se ainda fazer uma comparação com o total dos cruzados novos que permanece retido no BC e chega a Cr\$ 1.065 trilhão, segundo os últimos dados, de junho.

Quando bloqueou 80% dos recur-

sos, com o plano, o Governo passou a dar financiamentos aos bancos durante 180 dias para que eles pudessem honrar os compromissos contraídos em cruzados novos. Por exemplo, no caso das sociedades de crédito imobiliário trata-se dos saldos bloqueados em poupança e os desembolsos que as instituições estavam comprometidas a fazer, como financiamentos da casa própria.

O Banco Central vinha concedendo financiamentos para que os bancos pudessem manter em dia estes compromissos, mas este prazo deveria terminar em 180 dias e chegou a hora. Além das cadernetas, há também os CDBs e outros títulos privados que foram trocados por LBCs e que, se não venceram, ainda serão resgatados.

Na opinião dos analistas de mercado, os bancos, acostumados a ganhar com a inflação, enfrentarão também o desafio de conviver com preços mais estáveis. O Gerente Técnico da Lopes Filho & Associados e Diretor da Associação Brasileira de Analistas do Mercado de Capitais (Abamec), Joel Sant'Ana, acrescenta que os banqueiros vão enfrentar, em setembro, as reivindicações salariais dos bancários, em sua data-base. Como não poderá haver repasse dos reajustes, os bancos precisarão ser mais competitivos.

— Além disso, com uma inflação estabilizada, os spreads (taxas de risco) deverão ser menores e poderá haver um encolhimento no crédito se a economia estiver em ritmo de desaceleração — observa Sant'Ana.